

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS**

Linguística, psicanálise e o vaivém do sujeito

Irene Mattos Plentz

Porto Alegre, RS

2019

Irene Mattos Plentz

Linguística, psicanálise e o vaivém do sujeito

Trabalho de Conclusão De Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras pelo Curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores

Porto Alegre, RS

2019

Dedico este trabalho às almas mais vivas que encontrei na Letras: Vanessa Dedalus e Leonardo da Rosa. A ausência dos seus corpos nunca apagará a presença dos seus risos.

AGRADECIMENTOS

Ao meu psicólogo, Rafael Mohr, por, muito mais do que me ajudar a construir e compreender as “entrelinhas da Irene”, aceitar meus absurdos – às vezes, antes de mim. Me manter em terapia, escolher o curso de letras e terminar a graduação são méritos tão dele quanto meus.

Ao meu orientador, pelo suporte e pelo motivador entusiasmo no assunto – além do carinho e da paciência que teve comigo.

À minha mãe e à minha avó, que me enviavam comida congelada nos finais de semestre, aos momentos em que o patrocínio me permitiu privilegiar os estudos e aos abraços amigos que sempre estiveram dispostos ao consolo e às comemorações.

Por fim, faço um agradecimento especial a dois colegas, cujos nomes nunca deixaram o anonimato, por me falarem, durante uma disciplina de literatura, que os contos de Machado de Assis “não tinham nada de fantástico”, situação que me afastou da temática logo no início da graduação. Agradeço-os, principalmente, pelo fato de estarem errados, pois me ensinaram a seguir meus instintos intelectuais.

RESUMO

Este trabalho busca investigar os termos pelos quais se pode abordar as relações entre as áreas da linguística e da psicanálise a partir da abordagem de premissas da teoria linguística de Ferdinand de Saussure levadas à psicanálise lacaniana. Identificando semelhanças e diferenças da teorização proposta por ambas as teorias, buscamos compreender como a linguística serviu de ferramenta para a compreensão do sujeito na psicanálise. Tais contrastes são trazidos a partir da análise de conceitos do *Curso de Linguística Geral* (língua, sistema, signo, significante, significado, arbitrariedade, mutabilidade, imutabilidade e valor), de Saussure, e da influência da sua leitura na construção da psicanálise. Ao pensar que Lacan encontra seu objeto de estudo dentro da linguística estruturalista, propomos uma reflexão sobre a necessidade de reconsiderar o sujeito falante que circunda a linguística.

Palavras-chave: Ferdinand de Saussure; Linguística; Psicanálise; Sujeito; Inconsciente.

ABSTRACT

This study seeks to investigate the terms under which one can approach the relationships between the areas that comprise linguistics and psychoanalysis from an examination based on premises from Ferdinand de Saussure's linguistics theory taken to a Lacanian psychoanalysis point of view. Identifying similarities and differences on the theorization proposed by both fields of study, we aim to comprehend how linguistics was used as a tool to build upon the knowledge of what constitutes the subject in psychoanalysis. The contrasts are unearthed based on the analysis of concepts from Saussure's *Course in General Linguistics* (language, system, sign, signifier, signified, arbitrariness, mutability, immutability, and value) and from the influence of one's own reading on the construction of psychoanalysis. By proposing that Lacan meets his object of study on a structural linguistics basis, we propose a reflection on the necessity of reconsidering the speaking subject that permeates linguistics.

Keywords: Ferdinand de Saussure; Linguistics; Psychoanalysis; Subject; Unconscious.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: CONCEITOS SAUSSURIANOS	12
CAPÍTULO 2: A LEITURA LACANIANA DE SAUSSURE	18
CAPÍTULO 3: A PERSPECTIVA DO INCONSCIENTE NA LINGUÍSTICA	25
CONCLUSÃO	29

FIGURAS

Figura 1 - Saussure

21

Figura 2 - Lacan

22

INTRODUÇÃO

Embora o inconsciente não seja um assunto presente na trajetória de um graduando de Letras – quero dizer, vez ou outra escutei o termo “psicolinguística” e alguma rara frase de análise literária que começava com “Segundo Freud...” –, sempre insisti em trazê-lo para meus trabalhos acadêmicos. Há um grande risco de que seja o oposto, que o inconsciente sempre tenha insistido em mim, pois foi ele quem abriu meu coração para a linguística, que eu interpretava como “um enorme tédio”.

Com a bagagem prático-teórica de muitos anos de terapia e cursando a disciplina de “Psicanálise e linguagem”¹, o contato com o texto “Da subjetividade da linguagem”, de Émile Benveniste (1902-1976), me causou uma epifania, de onde concluí que “a gente não existe”. Embora seja uma “teoria” baseada em generalizações múltiplas e facilmente refutável (inclusive por mim), me explico: somos, aos olhos gerais da psicanálise, a junção das projeções dos outros sobre nós com a nossa própria projeção sobre nós. Ou seja, nós simplesmente não existimos senão pelo que dizemos e ouvimos na tentativa de expressar nossas projeções, onde falhamos ao perceber que somos interpretados exclusivamente pela subjetividade do sujeito que ouve. A “teoria” se estende e beira a esquizofrenia, mas vamos nos ater ao trabalho de conclusão de curso: a escolha de dissertar sobre os termos saussurianos homônimos à linguística e à psicanálise lacaniana foi motivada por uma necessidade pessoal de compreender a relação entre esses dois universos que buscam pontos comuns às realizações da fala e às realizações do sujeito. Sujeito esse que não pode ser ignorado nos estudos linguísticos, por ser o próprio produtor do nosso objeto de estudo.

Este trabalho de conclusão de curso, portanto, objetiva uma aproximação geral de conceitos linguísticos com o universo teórico da psicanálise, mais especificamente da versão lacaniana, bem como da linguística, com o sujeito falante

¹ Disciplina ministrada pela professora Simone Zanon Moschen e seus doutorandos em 2017, no curso de Psicologia da UFRGS.

2. Tal aproximação é possível graças a uma intersecção entre as duas áreas, aqui vista pelo prisma da ideia de “passagem pelas aberturas”, na metáfora do biombo de Michel Arrivé (2001)³. Uma dessas aberturas propostas pelo linguista, a que será objeto do nosso estudo, é a homonímia entre as terminologias das duas disciplinas.

Por utilizar a fala como principal instrumento de trabalho, a psicanálise precisou voltar seus olhos para a linguagem. Ainda que já fosse um conceito pincelado na teoria de Sigmund Freud (1856-1939), foi Jacques Lacan (1901-1981) quem, para dar continuidade ao legado freudiano, recorreu à linguística. Apesar de lançar mão de termos linguísticos, Lacan os ressignifica. Teremos, então, também como objetivo deste trabalho, a elucidação de termos que, embora compartilhem a nomenclatura em ambas as áreas, diferenciam-se conceitualmente em cada um dos autores estudados.

Na linguística, ao contrário da psicanálise, pouco se estuda o inconsciente na linguagem; a teoria de Ferdinand de Saussure (1878-1913), por exemplo, não explicita nenhuma grande reflexão sobre o inconsciente, fator que, embora seja fruto de um provável desconhecimento da teoria freudiana, pode ser responsável por algumas ambiguidades em sua teoria. Infelizmente, o inconsciente permanece ignorado nos currículos dos cursos de Letras do século XXI, que pouco ou nada o incluem nos estudos de linguagem (por vezes, a própria abordagem linguística encontra-se falhada nesses currículos). É por ter visto pouco da intersecção entre linguística e inconsciente – neste trabalho, consideradas áreas de contribuição – que surgiu a necessidade de dedicar o momento reflexivo do trabalho de conclusão de curso ao estudo dessa relação.

Este trabalho, portanto, pretende dissecar os conceitos saussurianos que serviram de base à teoria lacaniana e às interpretações decorrentes desses

² Sobre a qual desenvolvemos a metáfora do “ioiô” (p.30), que considera a existência de um eterno movimento de aproximação e afastamento entre as áreas para desenvolver as compreensões sobre a estrutura da linguagem, comuns ao inconsciente e à língua.

³ Sobre isso, assim se manifesta Arrivé: “Linguística e psicanálise têm, ambas, que ver com a linguagem. Constituem então dois domínios contíguos. O problema que de início se levanta é o da fronteira que as separa: intransponível muralha da China – como dizem às vezes? Ou frágil treliça? Para instalar-me na metáfora, prefiro descrevê-la como *um biombo ao mesmo tempo poroso e trespassado de aberturas*. Desse modo, se oferecem duas possibilidades de passagem. Escolhi a mais fácil – pelo menos a que assim parece: a passagem pelas aberturas. Cabe-nos descobri-las” (Arrivé, 2001, p. XXII) [grifos meus].

conceitos. Para isso, seguiremos o seguinte procedimento: inicialmente vamos ao linguista (cf. Capítulo 1), em segundo lugar vamos a Lacan (cf. Capítulo 2). Privilegamos a fonte original, isto é, lemos Ferdinand de Saussure e somente depois é que traremos alguns intérpretes. Seleccionamos alguns conceitos saussurianos que aparecem reiteradamente na obra lacaniana, são eles: *signo*, *significante* e *significado*⁴. Tais conceitos linguísticos foram seleccionados como objetos de estudo por serem considerados pilares imprescindíveis tanto para a introdução à compreensão da psicanálise lacaniana, que podemos interpretar como uma releitura freudiana a partir da linguística saussuriana, quanto para o desenvolvimento da linguística estruturalista tal qual a conhecemos hoje⁵.

No primeiro capítulo, dissertaremos sobre os conceitos de *signo*, *significante* e *significado* ao longo de uma análise da estrutura sistêmica proposta pelo linguista. Estamos, aqui, apoiados no *Curso de Linguística Geral* (CLG) e nos estudos de Claudine Normand (2009), que resultaram no livro “Saussure”. No capítulo seguinte, traremos a visão lacaniana dos mesmos conceitos; para esclarecer as diferenças entre ambas as teorias, nos apoiaremos, especialmente, nos livros *Introdução à leitura de Lacan*, de Joel Dor (1991), e *Linguística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros*, de Michel Arrivé (2001)⁶. No capítulo 3, com base nos estudos dos dois primeiros capítulos, traremos uma reflexão sobre a conseqüente percepção do sujeito linguístico que é possibilitada, quase descoberta, pela influência da releitura lacaniana⁷.

Finalmente, elaboramos as conclusões, que, influenciadas pela insistência do inconsciente nesta autora, propõem que o linguista passe a considerar o sujeito na abordagem linguística contemporânea, pois é o sujeito quem, por manipular a língua, a torna possível. É importante construir uma linguística que vá ao encontro da percepção do inconsciente, ainda que por vias não psicanalíticas, já que a fala é,

⁴ Abordaremos, também, outros conceitos do *Curso de Linguística Geral* imprescindíveis para a compreensão do signo, do significante e do significado, são eles: língua, sistema, arbitrariedade, mutabilidade, imutabilidade e valor.

⁵ Ao longo do trabalho nos referimos à linguística como uma leitura estrutural de saussure.

⁶ Servem de suporte bibliográfico aqui, também, os trabalhos de Settineri (2002) e Nóbrega (2008).

⁷ Servem de apoio aqui os trabalhos de Nóbrega (2008), Vicenzi (2009) e Milner (2010).

muito mais que uma ferramenta de comunicação, uma ferramenta de expressão e construção desse sujeito.

CAPÍTULO 1: CONCEITOS SAUSSURIANOS

Para introduzir a dissertação sobre os conceitos selecionados (*signo*, *significado* e *significante*), é importante considerar que a linguística proposta por Saussure toma por objeto de estudo a língua enquanto sistema, por ser um objeto homogêneo. Segundo Normand, “Dizer *sistema* é definir um *interior*, uma ordem própria da língua.” (2009, p. 50) [grifos do autor], excluindo o que está fora do objeto de estudo linguístico. Assim, a linguística se atém ao estudo do funcionamento do sistema, ou seja, dos elementos linguísticos, que só fazem sentido nas relações que estabelecem dentro do seu sistema de referências (língua). Além disso, Nóbrega interpreta o sistema saussuriano “como o ponto para o qual convergem todas as outras noções que fazem parte do seu ensinamento” (2008 p. 226).

A diferenciação entre língua (*langue*) e fala (*parole*) é uma das muitas noções da teoria saussuriana que são formuladas de maneira contrastiva e apresentadas em pares: o primeiro elemento do par, a língua, diz respeito ao sistema de signos, enquanto o segundo, a fala⁸, é compreendido como o ato individual de executar a língua através de combinações linguísticas. Está aqui o fator de homogeneização da *langue*: o seu caráter coletivo. A língua é, segundo Saussure, um instrumento social e, por isso, não está contemplada em nenhum indivíduo, apenas na coletividade. Embora a fala seja responsável pela evolução da língua, esta se impõe ao indivíduo, que não pode criar ou modificar os conceitos dos signos que pertencem a um idioma.

O sistema linguístico saussuriano é constituído, portanto, de signos linguísticos comuns aos indivíduos de uma língua, que formam uma espécie de gramática psíquica e coletiva. Os signos, por sua vez, são constituídos a partir da relação dicotômica entre uma imagem acústica e um conceito, ambas imagens psíquicas. Tais termos são equivalentes a dois outros conceitos explorados por Saussure: *significante* e *significado*, respectivamente⁹. A unidade linguística (*signo*),

⁸ Objeto de estudo da teoria lacanianiana, da qual falaremos no segundo capítulo.

⁹ Há ainda um quarto conceito homônimo à psicanálise mencionado em Saussure, o *símbolo*, que, segundo Arrivé (p. 5, 2002), tem sua diferenciação do conceito de *signo* embaçada ao longo da leitura

então, não se constitui a partir da simples relação entre um nome e uma coisa¹⁰, pois a experiência de um indivíduo sobre um signo é conceitualizada em seu cérebro e associada a uma representação sonora. Não podemos esquecer, entretanto, que “Esses elementos linguísticos que constituem o sistema da língua têm por propriedade primeira significar, serem signos” (NORMAND, 2009, p. 60). Existe, nessa prioridade de ser signo, a premissa de que seus elementos se relacionam mutuamente, como veremos mais adiante.

Se o signo é definido pelo CLG como a união de um conceito a uma imagem acústica, devemos carregar conosco sua definição de imagem acústica explorada por Saussure (1978, p. 80): “[...] impressão (*empreinte*) psíquica desse som (imaterial), a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos [...]”. Significante é, então, uma impressão psíquica de uma combinação de sons de uma língua que, ao chegarem ao cérebro, serão associados a um significado; é por isso que, ao escutarmos alguém falando um idioma que não temos domínio, não atribuímos sentido aos sons que ouvimos. O outro lado da moeda-signo, o significado, é um conceito (ou mais de um) comum aos falantes de uma língua – e, por isso, social. Menos abstrata que o conceito, mas de igual caráter psíquico, a imagem acústica está para o conceito numa relação de oposição que foi denominada, por Saussure, “*arbitrariedade do signo*”. Saussure se propõe, então, “a conservar o termo *signo* para designar o total, e a substituir *conceito* e *imagem acústica* respectivamente por *significado* e *significante*” (SAUSSURE, 1978, p. 81), de forma que os últimos termos representam a ideia de arbitrariedade que possuem entre si e entre o seu total, o signo. O signo se define, portanto, na diferença entre os signos, como aponta seu primeiro princípio. O segundo, o caráter linear do significante, está relacionado à linearidade do tempo, já que “[...] os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo; seus elementos se apresentam um após o outro; formam uma cadeia.” (SAUSSURE, 1978, p. 84), ou seja, a extensão do signo ocorre em uma única dimensão na língua.

do CLG. Por isso, e por entender que o *símbolo* laciano deriva da teoria freudiana, não o exploraremos aqui.

¹⁰ Não que Saussure negue a existência desse tipo de relação, ele só diz que ela não concerne ao linguista (NORMAND, 2009, p. 63).

É importante lembrar que o recém-citado caráter arbitrário do signo, conforme argumenta Normand (2009), serviu para pôr fim às discussões que se arrastavam entre os linguistas do século XIX, passando-se a aceitar que o sistema linguístico “é assim”. Portanto, se cada língua possui suas regras, elas não devem ser questionadas (assim como as regras de um jogo de xadrez não são questionadas); não importa o “porquê” de funcionarem assim, pois o funcionamento da língua deve ser apenas descrito pelo linguista. Porém a arbitrariedade do signo traz consigo algumas consequências que Normand explora no seu capítulo sobre o princípio semiológico, das quais destacamos o afastamento do sujeito como uma característica de extrema importância para a compreensão do signo saussuriano. Ela diz:

Partir do arbitrário é também afastar o sujeito falante em suas particularidades e em sua vontade de significar, pois o signo só é arbitrário porque é social, imposto por regras que ninguém pensa discutir. A língua sempre aparece como uma “herança da época anterior”, um produto “a ser tomado tal qual”, demasiadamente complexo para que alguém pense transformá-lo deliberadamente, além do fato de que “os sujeitos são, em larga medida, inconscientes das leis da língua” (105-6). Escapando à vontade individual, a língua também escapa à “vontade social”: “aqui reside seu caráter essencial; mas é aquele que menos aparece à primeira vista” (34) (NORMAND, 2009, p. 69).

Normand assim o conclui porque parte do próprio CLG afirmar e retificar que o significado independe da livre escolha do sujeito, bem como que “o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado” (SAUSSURE, 1978, p. 83) – em termos simples, é dizer que não existem motivos para um significante ser correspondente a um significado, devemos apenas aceitar que eles são dois lados de uma mesma moeda. Esse pensamento exclui as onomatopeias e as exclamações da condição de signo, pois considera que elas possuem um rudimentar laço natural entre o significante e o significado que as aproxima ao conceito de símbolo. Por outro lado, adiciona ao signo outra característica, a da *imutabilidade*, que é justamente “o escape à nossa vontade”. Embora a língua nos dê a liberdade de escolher quais dentre os signos usar e como iremos usá-los (seleção e combinação), ela não nos permite definir os signos. Diz o CLG:

Um indivíduo não somente seria incapaz, se quisesse, de modificar em qualquer ponto a escolha feita, como também a própria massa

não pode exercer sua soberania sobre uma única palavra: está atada à língua tal qual é. (SAUSSURE, 1978, p. 85)

Antagonicamente à *imutabilidade*, a *mutabilidade* é defendida pelo linguista pela perspectiva histórica do signo. Embora inalteráveis pela massa social, os signos linguísticos são alterados pela ação do tempo, ou seja, sofrem um “deslocamento da relação entre o significado e o significante” (SAUSSURE, 1978, p. 89) com o passar do tempo. A língua não é capaz de se defender dos seus fatores de alteração, independente de quais sejam, pois se “o tempo altera todas as coisas; não existe razão para que a língua escape a essa lei universal” (SAUSSURE, 1978, p. 91). Ambos os conceitos, mutabilidade e imutabilidade, foram sintetizados pelos próprios organizadores do CLG, Charles Bally e Albert Sechehaye, numa nota de rodapé: “a língua se transforma sem que os indivíduos possam transformá-la” (SAUSSURE, 1978, p. 89), pois é um produto da ação do tempo sobre a massa social.

Para que o social aja sobre os signos, eles devem ser considerados apenas dentro da relação que estabelecem entre si, pois, isolados, não possuem valor. Para explicar o conceito de valor linguístico, Saussure utiliza a metáfora do Xadrez, em que uma peça perdida pode ser substituída por algo de fora do jogo, por exemplo uma tampinha de garrafa, e passar a assumir o seu valor dentro do sistema daquele jogo, por exemplo o de cavalo; essa mesma peça perdida, se vista isoladamente, não possui o valor que teria no jogo, voltaria a ter o valor de uma tampinha de garrafa. Isso porque significação e valor são conceitos diferentes: o valor é estabelecido pelo coletivo, mas, por ser um vínculo arbitrário entre som e ideia (Nóbrega, 2009, p. 235), o valor é sempre relativo; ou seja, as palavras podem ter a mesma significação e não ter o mesmo valor linguístico – a exemplo dos sinônimos, que só possuem valor próprio pela oposição entre seus termos –, pois o valor diz respeito ao funcionamento do signo dentro do sistema. Nas palavras de Saussure:

Dessarte, para determinar o que vale a moeda de cinco francos, cumpre saber: 1º que se pode trocá-la por uma quantidade determinada de coisa diferente, por exemplo, pão; 2º que se pode compará-la com um valor semelhante do mesmo sistema (um dólar etc.). Do mesmo modo, uma palavra pode ser trocada por algo dessemelhante: uma ideia; além disso, pode ser comparada com algo da mesma natureza: uma outra palavra. Seu valor não estará então fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser ‘trocada’ por este ou aquele conceito, isto é, que tem esta ou aquela

significação; falta ainda compará-la com os valores semelhantes, com palavras que se lhe podem opor. Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo curso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação como também, e sobretudo, de um valor, e isto é coisa muito diferente. (SAUSSURE, 1978, p. 134)

Segundo Normand (2009, p. 76), ainda, os próprios signos são valores, pois são o que aproxima o significado ao significante; além disso, segundo Saussure, o valor de cada termo se dá em oposição a todos os outros termos. “Saussure diz que a noção de arbitrário permite que se entenda com clareza que é a coletividade que estabelece os valores e que o indivíduo por si só não pode fixá-los.” (NÓBREGA, 2008, p. 236) , ou seja, o valor (produção de sentido) de qualquer termo está fora e ao redor dele, mas não fora da língua. O sistema de valores, portanto, é responsável pelo vínculo opositor entre significante e significado, seja no aspecto material do signo (combinações fônicas que permitem distinguir as palavras entre si por carregarem suas significações) ou no seu aspecto conceitual (conjunto de elementos de significação), bem como pelo vínculo opositor entre os signos. Onde Saussure conclui que “O que haja de ideia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos.” (SAUSSURE, 1978, p. 139), ou seja, que o valor de um signo pode alterar seu significado sem alterar seu significante pelo simples fato de um termo relacionado a ele também ter sofrido alteração.

Os signos linguísticos, portanto, possuem uma extensão única e mensurável numa só dimensão (linearidade) e têm seus valores (elementos de significação) definidos pela relação entre os signos de um sistema (arbitrariedade). Esse sistema de signos se embasa na parte social da linguagem, a língua, por ser ela uma convenção, um conjunto de regras que escapam à nossa vontade (imutabilidade). Saussure realça inúmeras vezes esse caráter coletivo, principalmente, nas noções de arbitrário, de imutável e de valor. Tais conceitos, ao mesmo tempo em que permitem a produção de sentido, afastam o sujeito da sua “vontade de significar”, pois, embora manipulemos as regras da língua, não pensamos discuti-las. Pretendemos, no entanto, verificar (cf. capítulo 3) se a linguística contemporânea deve ou não manter-se (tão) apegada ao fator social da língua. Afinal, Lacan, como

veremos a seguir (cf. capítulo 2), baseou-se no CLG para elaborar sua teoria psicanalítica¹¹, uma teoria voltada ao sujeito.

¹¹ Vale esclarecer que este trabalho não questiona o CLG como fonte por ter sido a leitura de referência de Lacan, que não chegou a ter acesso aos manuscritos de Saussure, na época, desconhecidos.

CAPÍTULO 2: A LEITURA LACANIANA DE SAUSSURE

É a partir de mecanismos de significação e de ressignificação da fala que a psicanálise busca promover a compreensão do sujeito¹², pois “Quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente.” (LACAN, 1998, p. 248). Ainda que a fala não seja um objeto de estudo do *Curso de Linguística Geral*, a psicanálise se apropria dessa parte da linguagem para buscar entender a relação entre sujeito, linguagem e inconsciente. Conforme Arrivé (1936, p. 21), o próprio CLG admite que “o sistema dos valores linguísticos não se reduz ao que chega até as regiões da consciência.”, pressupondo já a questão do inconsciente na linguagem, a qual Lacan, seguindo a intuição freudiana, explorará.

O principal ponto em que a psicanálise concordará com os linguistas está, segundo Mônica Nóbrega, na ideia de sistema, pois Lacan, ao adaptar sua leitura de signo, não foge da proposta saussuriana de sistema. Ela disserta: “pensamos que a ideia de estrutura que Lacan trabalha para o significante e que defende que seja a própria estrutura do inconsciente, se ela tem algo de linguagem isto se deve exatamente à sua semelhança com a noção de sistema linguístico.” (NÓBREGA, 2002, p. 227). Isso porque a base da psicanálise lacaniana é diretamente derivada do estruturalismo linguístico; segundo Joël Dor (1989, p. 26), Lacan “Injetará na articulação da teoria analítica um certo número de princípios tomados de empréstimos à linguística estrutural”.

Neste capítulo, veremos que mesmo considerando que a noção de sistema não se altera em Lacan, é incontestável que a significação linguística e a psicanalítica se dão de formas diferentes; a primeira se dá nos signos de um sistema

¹² “Se há determinismo nas formações do inconsciente, a noção de ressignificação permite perturbar a ordem, corrigir o destino e libertar o psiquismo de um determinismo rígido. Os primeiros registros no aparelho psíquico são oriundos da força de algo concreto sobre um substrato biológico passível de impressão. Essas primeiras inscrições não são passíveis de consciência. São signos, indícios. Fragmentos que precisam de rearranjo: de um outro que lhes ordene, transcreva, possibilite enganches e novas derivações. Outro que faça transcrições, religações, que esteja presente com seu inconsciente, sua cultura, sua história. Quanto mais vias de derivação, maior amplitude psíquica.” (OLIVEIRA, 2011, on-line)

linguístico, enquanto a segunda se dá no discurso, ou no “manejo da linguagem” que media nossos desejos.

A experiência psicanalítica descobriu no homem o imperativo do verbo e a lei que formou a sua imagem. Ela maneja a função poética da linguagem para dar ao desejo dele sua mediação simbólica. Que ela os faça compreender, enfim, que é no dom da fala que reside toda a realidade de seus efeitos; pois foi através desse dom que toda realidade chegou ao homem, e é por seu ato contínuo que ele a mantém. (LACAN, 1998, p. 232)

Tomado do pensamento estruturalista, Lacan propõe que o inconsciente é estruturado como uma linguagem¹³, daí a semelhança da qual falamos entre o sistema lacaniano e o saussuriano. Partindo do pensamento de que o ser falante possui inconsciente, o psicanalista afirma que uma parte do discurso do sujeito não está no seu discurso consciente, mas num “lugar de saber constituído por um material linguístico em si mesmo desprovido de qualquer significação” (SETTINERI, 2002, p. 250). O inconsciente, no sentido psicanalítico, provavelmente era desconhecido por Saussure, que só usa o termo inconsciente no sentido de o indivíduo falante não ter conhecimento sobre questões da sua língua¹⁴; no entanto, o linguista admitia algumas “fugas” do domínio do sujeito sobre a linguagem.

O caráter linear do signo saussuriano, ou seja, a influência do tempo na língua, é trazido por Lacan a partir da perspectiva da fala; Dor explica a questão dizendo que a fala “não é outra coisa senão o ato mesmo de presentificar este desenrolar temporal do significante” (1989, p. 33). Assim como Saussure propõe, na linearidade do significante, uma cadeia sintagmática ou de apresentação dos

¹³ “O inconsciente, para Lacan, é estruturado **como** uma linguagem, não **por** uma linguagem; apesar desta ser sua condição, ele não é uma linguagem.” (SETTINERI, 2002, p. 252) [grifos do autor]. Segundo o autor, a psicanálise considera que há uma barra de resistência à significação entre o significante e o significado; ou seja, diferente do que acontece na língua, os significantes não remetem a um significado, mas às diferenças dos lugares atribuídos pelos significantes pela lei simbólica. Além disso, é a partir dos conceitos de metáfora e metonímia de Jakobson que Lacan vai aprimorar as ideias de condensação (sintoma) e deslocamento (desejo) freudianos, pois a dimensão paradigmática permite criar elementos por permutação e por elisão de palavras (SETTINERI, 2002, p. 253).

¹⁴ “O *Curso de Linguística Geral* não faz, que eu saiba, nenhuma menção do substantivo *inconsciente*, e os numerosos empregos que são feitos do adjetivo *inconsciente*, assim como do advérbio *inconscientemente*, remetem com toda a evidência ao que Freud chama de *inconsciente descritivo* - que escapa provisoriamente à consciência - fundamentalmente distinto do *inconsciente tópico*. (ARRIVÉ, 1936, p. 19) [grifos do autor]

elementos do significante, Lacan propõe a sua própria “cadeia dos significantes”¹⁵, também linear.

Ambas as linearidades estão relacionadas ao tempo¹⁶; se em Saussure o tempo diz respeito ao significante, a algo da ordem do signo, em Lacan, o tempo se refere mais aos sujeitos ou a como eles, em determinado momento, interpretam o significante. A ideia de linearidade em Lacan também se evidencia quanto a sua dimensão no tempo, na sua concepção de discurso, sobre o qual diz ser necessário “que eu tenha dito a última palavra para que vocês compreendam a situação da primeira”¹⁷, concepção essa prevista pelo caráter linear do significante saussuriano e que permite, segundo Nóbrega (2002, p. 245), aproximar a ideia de discurso de Lacan ao que está posto na relação associativa de Saussure. Ou seja, a cadeia significante lacaniana deriva da divisão saussuriana da linguagem em dois eixos: o das relações sintagmáticas, que se refere à combinação de elementos que estabelecem seus valores dentro do sintagma, e o das relações associativas, que se refere à associação de grupos de palavras fora do discurso¹⁸.

A função do significante no inconsciente¹⁹ é o encontro de duas linhas – a do discurso racional (produção mínima de sentido, sentido já está dado) e a do significante enquanto cadeia significante permeada pelos efeitos das metáforas e das metonímias. Esse significante se difere do significante saussuriano porque “Normalmente, diz Lacan, o discurso é o deslizamento de uma linha sobre a outra, o que resulta em uma repetição sem fim, em um falar para nada dizer. É apenas quando as linhas se encontram que há uma possibilidade de sentido” (NÓBREGA, 2002, p. 233) Esse encontro é o encontro da cadeia do discurso cotidiano com a cadeia do significante, onde está formado o inconsciente. Settineri elucida:

[...] quando Lacan fala de um deslizamento incessante do significado sob o significante – e acreditamos que ele está se referindo ao discurso – , não há outra maneira de entendê-lo, em termos linguísticos, senão que ele esteja se referindo ao fato de que recortes

¹⁵ É nos recortes dados a essa cadeia que encontramos os discursos e sintomas do sujeito.

¹⁶ Sobre isso dissertam: Arrivé (2001, p.101); Nóbrega (2008, p. 230-232); Dor (1989, p.33).

¹⁷ LACAN, Jacques. O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

¹⁸ Posteriormente, essa relação será explorada por Jakobson no estudo das afasias, e aprofundada nas ideias de metáfora e metonímia, que também servirão de base a Lacan.

¹⁹ LACAN, Jacques. O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

semelhantes na cadeia sonora (que Lacan chama de cadeia significante) correspondam a valores diferentes, dependendo de sua posição em uma ordem sintagmática. (SETTINERI, 2002, p. 293)

Se em Saussure a língua “organiza a massa amorfa”, o pensamento, para produzir sentido, em Lacan o sentido é expresso na fala e produzido no *ponto de estofo*, ou seja, nas entrelinhas da relação entre pensamento e fala. O signo saussuriano é uma combinação das diferenças fônicas e conceituais desse sistema, ou seja, é o entrelace de duas linhas de fluxos paralelos, o dos sons e o das ideias. Esses entrelaces, que Saussure enxerga como fixados em signos do sistema linguístico, Lacan interpreta como uma relação “sempre fluida, sempre prestes a se desfazer”²⁰ delimitada pelo ponto-de-estofo, ou seja, o momento em que o significante detém o deslizamento da significação – “é aquilo por meio do qual o significante se associa ao significado na cadeia discursiva” (DOR, 1989, p. 39). A principal diferença teórica posta aqui está no fato de Saussure delimitar a significação dos elementos linguísticos e Lacan delimitar a significação do conjunto da sequência falada, o que está extremamente relacionado com seus objetos de estudo. Assim, segundo Dor, Lacan contrapõe a premissa saussuriana de significação do signo (que se dá na oposição entre os signos) para adicionar a ideia de que “é sempre retroativamente que um signo faz sentido, na medida em que a significação de uma mensagem só advém ao final da sua própria articulação significante” (DOR, 1989, p. 40).²¹

Para entender o mecanismo de estrutura do significante, no entanto, é preciso “deixar de pensar no signo saussuriano isoladamente e passar a pensar nas relações que Saussure diz serem as que constituem o sistema linguístico.” (NÓBREGA, 2002, p. 231). Em Saussure, segundo Arrivé e Nóbrega, a teoria do signo está integrada à teoria do significante, ou seja, sem signo não há significante nem significado, diferentemente da teoria lacaniana, em que Arrivé afirma não haver articulação entre signo e significante²². Tal desarticulação é vista por Dor como o

²⁰ LACAN, Jacques. O Seminário, livro 3: as psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

²¹ Dor diz que Lacan faz uma “referência direta ao problema do valor do signo” (p. 40, 1989) ao considerar que a significação se dá retroativamente. É contestável, no entanto, que tamanha “originalidade” lacaniana seja uma solução à teoria linguística, pois é unicamente pela perspectiva da linearidade proposta por Saussure que Lacan pôde chegar a esta conclusão.

²²O que não permite concluir que um significante é um signo.

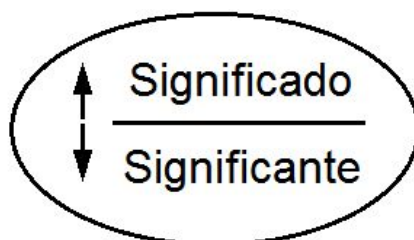
reflexo da flexibilidade que Lacan dá à relação entre significante e significado, a qual denomina “autonomia do significante em relação ao significado” (1989, p. 29). O posicionamento lacaniano deriva da ausência de relação entre um significado e um significante defendida no conceito saussuriano de arbitrariedade do signo, que, embora admitida pelo linguista, não é considerada de forma diferente à preexistente num sistema de signos:

Assim, a ideia de ‘mar’ não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos a diferença entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa *boeuf* (‘boi’) tem por significante *b-ô-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (*Ochs*) do outro. (CLG, 1978, p. 81)

Com isso, Lacan admite que haja aleatoriedade entre significante e significado, principalmente em distúrbios de linguagem psicopatológicos, como o discurso delirante e a esquizofrenia. Fator que elucida a premissa freudiana de que “na esquizofrenia as ‘representações de palavras’ põem-se a funcionar como ‘representação de coisas’” (DOR, 1989, p. 30). Lacan passará, então, a chamar o caráter aleatório do signo de “desenfreamento do significante”, que, segundo Dor, equivale à “livre escolha do sujeito falante” à qual se refere Saussure. Dessa forma, ao dizer que o sujeito necessita de um determinado número de amarrações entre “S” (significante) e “s” (significado), podemos concluir que a imutabilidade do signo não é aceita por Lacan, embora se aproxime à condição ‘saudável’ do sujeito, pois a significação é sempre vista como o deslocamento da relação entre significante e significado.

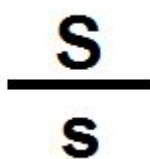
Sobre como as alterações esquemáticas mudam de uma teoria à outra: o significante lacaniano está posto acima do significado, em posição invertida, fator que representa a hierarquia entre os conceitos, que não existia em Saussure – representada pelo uso de “S” maiúsculo (significante) e “s” minúsculo (significado). Lacan também acaba com a relação de dependência entre significante e significado dentro dos signos ao apagar as flechas da arbitrariedade e o círculo ao redor da relação significante/significado de Saussure. Vejamos abaixo a diferença na representação das teorias (Figuras 1 e 2):

Figura 1 - Saussure



Fonte: CLG (1978)

Figura 2 - Lacan



Fonte: DOR (1989)

O esquema lacaniano, assim representado, busca, segundo Arrivé (2001, p. 105), explicar o *deslizamento incessante do significado* sem excluir o laço entre “S” e “s”, pois Lacan diz ser necessário um número mínimo dessas amarrações para determinar se um ser humano é não-psicótico. A união entre significante e significado, denominada por Lacan como *ponto de estofo*, não é equivalente ao signo saussuriano, embora sejam estruturados da mesma forma.

Devemos, ainda, considerar as diferenças com que os traços das representações são interpretados. Enquanto Saussure não separa significante de significado, Lacan vê no traço representado uma *barra resistente à significação*, o que significa dizer que o significante não representa diretamente o significado. Além disso, a barra que separa também possibilita ser atravessada, “para Lacan, na metonímia não haveria atravessamento da barra, na metáfora, sim” (SETTINERI, 2002, p.290).

Se Saussure assume um ponto de vista para tornar a linguística uma ciência, é exatamente nesse ponto de vista que a linguística se difere da psicanálise. Embora as áreas concordem em muitos fatores, a psicanálise lacaniana jamais concordaria absolutamente com os conceitos linguísticos, pois possui outro objeto de estudo; são, a língua e a fala, formas diferentes de enxergar um mesmo sistema de

linguagem. Mônica Nóbrega (2002, p. 245) diz que “Lacan acertou em cheio no mecanismo descrito por Saussure para o sistema linguístico” ao encontrar a produção de sentido nas relações entre sintagma e paradigma/metáfora e metonímia (ponto de estofo). Acreditamos que ele também foi muito saussuriano ao adaptar os conceitos linguísticos que introduziu na psicanálise, pois a linguística que se desenvolveu a partir da proposta de Saussure está fora da relação com o sujeito do inconsciente²³. No entanto, dizer que o inconsciente está em uma abstração que não diz respeito ao linguista nos parece, como veremos no capítulo a seguir, um tanto equivocado.

²³ A teoria saussuriana aborda questões sobre diferentes sujeitos, mas não sobre o sujeito psicanalítico.

CAPÍTULO 3: A PERSPECTIVA DO INCONSCIENTE NA LINGUÍSTICA

Percebemos nos capítulos anteriores que as diferenças entre Saussure e Lacan se fundamentam primeiramente nos seus objetos de estudo (língua/fala), que os levam a conclusões diferentes. Enquanto o linguista crê que a significação se constrói a partir da impressão psíquica de uma imagem acústica que remete a um conceito fixado na língua, o psicanalista crê na construção da significação a partir de um conceito psíquico individual e volátil (significado/simbólico) que é emitido por um significante. Se o objeto do estudo da linguagem que mais importa à psicanálise é exatamente aquele sobre o qual a linguística se abstém, podemos dizer que tais ciências se constituem uma no limite da outra e que, por isso, estão em contato constante (MILNER, 2010, on-line).

Ao propor a língua como objeto de estudo, a linguística se afasta do sujeito, porém não é capaz de excluir a função desse sujeito como manipulador da língua, mesmo sendo o social imposto ao individual. Embora língua e fala constituam objetos de estudo diferentes, o próprio Saussure, ao propor o estudo da língua, aponta a relação de dependência entre os dois objetos; pois, se “a fala só tem sentido na medida em que ela se faz a realização individual de uma língua social” (NÓBREGA, 2008, on-line), a escolha pelo social (língua) não exclui a ação do individual (fala). Assim nos explica Nóbrega:

Compreendemos que o fato de Saussure escolher, diante do impasse da heterogeneidade da linguagem, colocar-se primeiramente no terreno da língua não significa tomá-la com exclusividade, mas como ponto de partida, como modelo, tendo como perspectiva algo maior do que a língua (a linguagem) e maior do que a Linguística (a Semiologia). Depois, ainda sobre esta escolha da língua, devemos observar que ela se dá em relação à linguagem (tomando a língua como norma para todas as outras manifestações da linguagem) e não à fala. (NÓBREGA, 2008, on-line)

Na linguística, segundo o CLG, “É necessário separar a língua da fala como 1º) o que é social e o que é individual; 2º) o que é essencial do que é acessório e mais ou menos acidental.”. Normand (2009, p. 69) interpreta a segunda premissa como consequência metodológica da primeira; ela diz que, para Saussure, é

necessário distinguir quais dados são importantes ao estudo da linguística: “o 'essencial' é, no trato comum, colocado como tal e faz a língua social; o 'acessório' é a particularidade individual”, definindo, assim, o critério que permite escolher as variações possíveis da fala que pertencem à língua. A língua é indubitavelmente social, essa é a sua principal característica, mas não a única. Não podemos ignorar que ela é realizada pela fala, que sem o individual, não existiria social, pois é a fala que realiza, que põe em prática, essa convenção social. É justamente a escolha pela língua que nos permite pensar no individual como seu oposto complementar, o que nos permite olhar pelas arestas do biombo²⁴ entre a linguística e a psicanálise; arestas essas que se tornaram possíveis a partir da teoria lacaniana, que, ao definir a fala como o caminho para a compreensão do sujeito, trouxe à tona o sujeito como efeito de linguagem (NÓBREGA, 2008, on-line).

Além disso, Milner (2010, on-line) adiciona o perceptível como outra questão pertencente à intersecção entre linguística e psicanálise. Ele diz que a linguística, ao abordar a linguagem empiricamente, não consegue concluir que a linguagem seja integralmente perceptível, pois “ela [a linguística] deve dar lugar a uma grandeza que escapa à percepção: ela geralmente a concebe como significação”. Para o autor, Saussure recorre ao conceito de signo para lidar com a relação entre “o perceptível e o mais-além da percepção” existente na escolha dos estudos da linguagem. A psicanálise, por se constituir no limite da linguística, possui uma relação totalmente diferente com a questão do perceptível, não se importa nem com o signo nem com a significação linguística, apenas com o sentido. Milner (2010, on-line) crê que é neste ponto da teoria lacaniana que a relação entre linguística e psicanálise se inverte: “por menos que ela [a psicanálise] se depare com dados em que equívocos, homofonias, homossemias são pertinentes, é a linguística que deve usar procedimentos emprestados da análise freudiana”.

[...] com relação a isso [*ir além daquilo que a linguística enuncia explicitamente*] a posição de Jacques Lacan não consiste em se inspirar na linguística estrutural; ela consiste, antes mesmo, em levar a sério o desenho científico desta última e em submetê-la à exigência máxima de literalização, que, aos olhos de Lacan, define a ciência moderna. De fato, se é verdade que a linguística estrutural operou uma revolução do pensamento científico, essa revolução só pode ser

²⁴ Metáfora de Michel Arrivé (2001).

percebida se não nos fiarmos às apresentações propostas pelos próprios linguistas (MILNER, 2010, on-line).

Geralmente, os linguistas relutam contra novas perspectivas a respeito da sua ciência; porém, sendo a psicanálise possível a partir de questões linguísticas, acreditamos ser possível fazer linguística a partir de questões da psicanálise. Milner (2010, on-line) vai mais além, ele diz que “é bem mais a linguística que poderia eventualmente ter de levar em conta dados trazidos à luz pela psicanálise”, como é o caso dos estudos de Roman Jakobson, linguista que trouxe a técnica psicanalítica à análise poética.

Necessitamos conceber que tanto a análise linguística quanto a psicanalítica se debruçam sobre a observação do que é dito, ou, nas palavras de Milner (2010, on-line), “a fala constitui a matéria daquilo que ela [a linguística] manipula; os dados que o linguista encontra e os dados que o analista encontra têm, portanto, a mesma substância”, para, então, admitir que a linguística busca trazer à tona os dados linguísticos de que o sujeito falante inconscientemente usufrui, embora sem atrelá-los a alguma interpretação psicanalítica.

Portanto, acreditamos e repetimos insistentemente que as questões estudadas por Saussure em torno da idéia de língua como um sistema de signos possibilitam que se pense (e esta tarefa teria ficado para outros, Lacan a levou a cabo de forma brilhante) o sujeito não mais como fonte, origem do seu dizer, mas na dialética de ser e não ser, de ser sujeito na e pela linguagem, de ser sujeito nos movimentos do significante. É a língua que, sendo anterior ao sujeito o precede e o constitui. Assim, em termos saussurianos, pensaríamos não mais na importância do sujeito para a língua, mas da língua para o sujeito. Ou, nas palavras de Saussure (2004, p. 128): O que é claro, como se repetiu mil vezes, é que o homem sem a linguagem seria, talvez, o homem, mas não um ser que se comparasse, mesmo que aproximadamente, ao homem que nós conhecemos e que nós somos. (NÓBREGA, 2008, on-line)

Concordamos com a crença de Nóbrega sobre a importância de trazer as relações do sujeito com a língua porque repensar como as individualidades da linguagem podem se relacionar com a coletividade da língua não distorce nosso objeto de estudo; pelo contrário, as contribuições do individual só têm fatores a adicionar à nossa compreensão do coletivo. Devemos buscar, portanto, pesquisar as

relações do sujeito falante enquanto referência nos estudos da língua, como sugere Nóbrega, ou seja, os traços menos perceptíveis que Milner aponta.

CONCLUSÃO

Vimos, ao longo deste trabalho, que a leitura lacaniana de Saussure se adiciona à teoria da psicanálise a partir da premissa de que o inconsciente se estrutura como a linguagem. O inconsciente, que faz Lacan se debruçar sobre a linguística, pouco despertou o interesse dos linguistas, como se a linguística estivesse totalmente distante da psicanálise. No entanto, não é preciso muito esforço para perceber a proximidade da fronteira entre as duas áreas aqui trabalhadas. Tanto a leitura do CLG, que nos traz algumas indicações propostas por Saussure sobre a tenuidade da relação entre linguística e psicanálise – por exemplo, ao comparar a língua a uma folha de papel, metáfora que busca mostrar a indissociabilidade do som e do pensamento, ele diz “na língua, não se pode isolar nem o som do pensamento nem o pensamento do som; isso só seria possível por uma abstração cujo resultado seria fazer a psicologia pura ou a fonologia pura” (SAUSSURE, 1978, p. 131) –, quanto na própria apropriação dos conceitos saussurianos que Lacan utiliza para desenvolver sua teoria, temos uma necessidade de “ioiô” (aqui proponho minha própria metáfora sobre os vaivéns dessa relação, que exige um eterno movimento de aproximação e afastamento entre as áreas para desenvolver as compreensões sobre a estrutura da linguagem, comuns ao inconsciente e à língua).

A linguística estruturalista, ao se ater à língua como objeto de estudo, se afastou do sujeito. No entanto, ainda que a língua seja limitada ao seu sistema de signos, ela é, de certa forma, fruto de um sujeito, pois não existiria sem um falante; mais do que isso, o próprio linguista é um sujeito falante. Se um ambientalista estuda um rio, ele busca analisá-lo desde a nascente até sua foz; os linguistas até buscaram, no rio da língua, encontrar uma nascente nas discussões pré-saussurianas sobre a origem da linguagem, mas se perderam no caminho. Ora, se o indivíduo é o pressuposto para a existência da linguagem, não deveríamos nós, linguistas, considerá-lo enquanto a nascente do nosso objeto de estudo?

Nós consideramos que os estudos saussurianos e a consequente linguística que o sucede devem, sim, considerar a existência de um sujeito, principalmente após terem contribuído para uma teoria em torno dele. Lembramos que, ainda que a

consideração ao sujeito seja uma importante questão a ser explorada pela linguística, não temos a ambição de torná-lo objeto de nosso estudo, isso já faz muito bem a psicanálise. Procuramos e procuraremos seguir por trilhas, embora pouco exploradas, já inauguradas por alguns teóricos (como Arrivé e Nóbrega), com o objetivo de seguir buscando relacionar os elementos da linguagem aos movimentos linguísticos possibilitados pelo principal responsável pelo nosso objeto de estudo, o sujeito falante. Consideramos a percepção do inconsciente indispensável às considerações linguísticas, pois se a fala é, como veio a nos mostrar a psicanálise, uma ferramenta de expressão e construção do sujeito falante, e é também a realização da língua, acreditamos ser improvável que a língua se realize totalmente ausente de uma ligação com o inconsciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIVÈ, M. **Linguística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev e os outros**. São Paulo: USP, 2001.

_____. **Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2ª edição, 1989.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998a.

_____. Função e campo. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998b.

_____. **O Seminário, livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988c.

_____. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MILNER, Jean-Claude. Linguística e Psicanálise. **Rev. Estud. Lacan.**, vol.3 no.4 Belo Horizonte, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-0769201000010002#1a Acesso em 16/11/2019.

NÓBREGA, M. Lacan e a linguística: um tiro que errou o alvo, mas acertou na mosca? In: SCHÄFFER, M.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. (Org.) **As aventuras do sentido: psicanálise e linguística**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. Sujeito e sistema em Saussure: uma relação possível?. **ReVEL**. Edição especial n. 2, 2008. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

NORMAND, C. **Saussure**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2009.

OLIVEIRA, Fátima Cristina Monteiro de. A arte da reescritura: uma resignificação?. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 44, n. 80, p. 127-140, jun. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352011000100011&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 16/11/2019.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1978.

SETTINERI, F. F. Quando falar é tratar: o funcionamento da linguagem na interpretação psicanalítica. In: SCHÄFFER, M.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. (Org.) **As aventuras do sentido: psicanálise e linguística**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

VICENZI, EDUARDO. Psicanálise e linguística estrutural: as relações entre as concepções de linguagem e de significação de Saussure e Lacan. **Ágora (Rio J.)**, vol.12 no. 1 Rio de Janeiro Jan./June 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982009000100002> Acesso em: 16/11/2019.